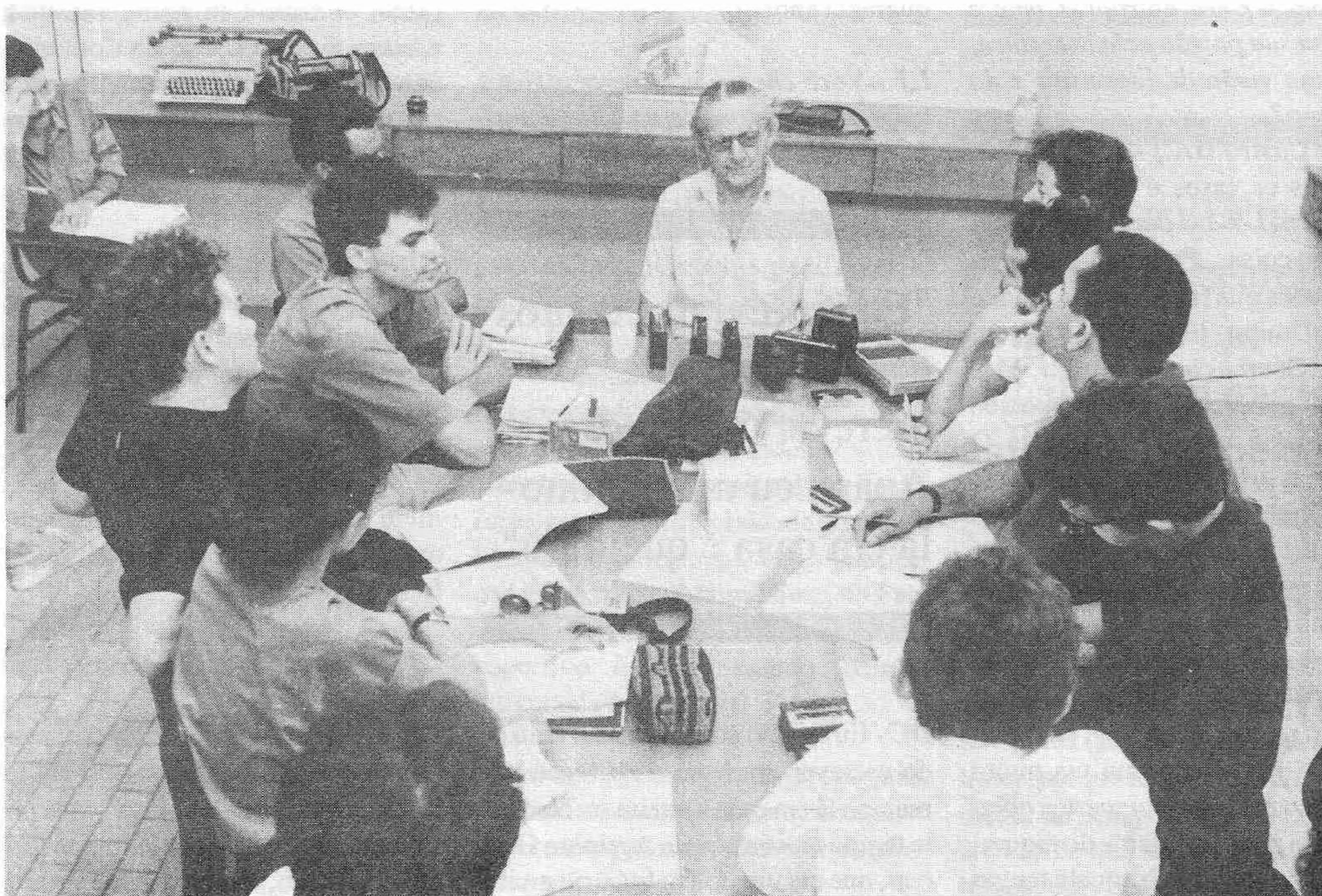


# Dedé de Castro não é só Esso



*Dedé abriu um precedente e concedeu, aos alunos do Curso de Comunicação da UFC, uma das suas poucas entrevistas.*

**Q**uando, no futuro, o historiador debruçar-se sobre a história do jornalismo cearense um nome, com certeza, deverá abrir um capítulo importante: Dedé de Castro, ou Dedé Beira D'água, como é chamado pelos amigos de boemia (por não tomar banho em águas fundas). Nasceu José Edmundo de Castro, em Itapipoca, no ano de 1920 - o dia ele não divulga para "não dar chance aos inimigos botarem macumba".

Queria ser escritor, mas escritor dos grandes. Depois viu "que não dava pra coisa". Admirador dos textos de David Nasser, no "O Cruzeiro", pensou "por ali poderia chegar também". E partiu para o jornalismo. Dedé de Castro começou a carreira como revisor no "Diário do Povo". Naquele tempo a revisão era a escola para quem ingressava na profissão. Hoje são 42 anos de muita atividade.

Dedé de Castro passou por todos os jornais de Fortaleza, alguns mais de uma vez. Trabalha há 11 anos no "Diário do Nordeste", mas chegou a passar apenas dez minutos trabalhando num jornal. Foi também no "Diário do Nordeste" que conquistou dois dos seus principais prêmios" os Esso de Jornalismo Regional de 1983 e 87. Ele não gosta de falar no assunto prêmio, mas já ganhou mais de 15 no total.

Lutou aguerridamente contra a ditadura militar (1964-1985), editando clandestinamente o jornal "O Mutirão", um dos seus orgulhos profissionais. O Mutirão deu muita dor de cabeça aos donos do *porão* no período militar, principalmente com a sua coluna "O Cacete do Dedé", nome sugerido pelo cartunista Henfil, de quem era amigo.

Da ditadura Dedé tem uma grande mágoa:

"Nunca me prenderam, achavam que eu não era comunista", diz em tom de galhofa, uma constante da sua personalidade. Tornou-se comunista quando ainda sonhava ser escritor: "Todo bom escritor que eu conhecia era comunista", logo seria comunista também. Na sala da casa dele observa-se que o paradoxo é, na verdade, um paradigma da sua existência: retratos de Hemingway, Guevara, Charles Chaplin ladeando Adoniran Barbosa e imagens de padre Cícero e São Francisco de Canindé.

A verdade é que Dedé de Castro é um grande contador de histórias, desde as suas pitorescas viagens às grandes reportagens. Dedé conta, por exemplo, uma bebedeira que terminou levando-o a viajar, ao Rio de Janeiro, sem avisar ninguém. Foi assim também que *construiu* sua reportagem sobre os presídios do Nordeste, "O Nordeste Por Trás das Grades", Esso de 1987. Os casos pitorescos e a malícia das frases dão o ritmo do relato.

Este ano Dedé pretende, "com ajuda do padim Cícero", publicar seu primeiro livro, "O Memorial de Paulo Santiago", uma coletânea de histórias que viu ou de que ouviu falar, que contam um pouco desta verve cearense. Casos inusitados; da boemia e, é claro, muitas histórias do jornalismo cearense.

Paulo Santiago é um dos pseudônimos de Dedé de Castro, que é um repórter a narrar os fatos. Dedé retoma, assim, um trabalho que havia começado há muito tempo. "O livro já estava quase pronto", escrevera mais de cem páginas. "Apareceu um menino lá em casa e tocou fogo nos originais", conta, sem mágoa, o sempre humorado Dedé de Castro.

**Entrevista com o jornalista Dedé de Castro, dia 17/12/92.**

**Produção:** Eduardo Freire e Oceli Lopes.

**Edição e texto final:** Eduardo Freire e Oceli Lopes.

**Participação:** Cláudio Ribeiro, Clariane Rebouças, Liliana Couto, Demitri Túlio, Júlio César, José Rocha, Silvia Carla, Eduardo Freire, Oceli Lopes, Francisco Roberto e Márcio Régis.

**Foto:** Jarbas Oliveira.



É frequentador da Padaria Espiritual, mas não tem ido muito lá. "O papo lá no bar está muito para o intelectualizado".

Hoje em dia Dedé trabalha em casa, quase não fica na redação do Diário do Nordeste devido ao frio do ar-condicionado.

Dedé mora numa casa simples, numa rua calma do Bairro das Damas, junto com a mulher, próximo à Casa do Português.

## Dedé de Castro

**Laboratório de Jornalismo (LJ) -** Você disse uma vez que tinha entrado no jornalismo por acaso. Você queria mesmo ser era escritor. Como é que é essa sua paixão pela literatura, qual a sua visão de literatura e do jornalismo?

**Dedé de Castro (DC) -** Eu acho que em ambos os casos é preciso saber escrever, né? E eu como nunca dei direito pra coisa... Pretendia ser escritor, daqueles que fazem livrão grande assim... Doutor Jivago, E o Vento Levou... Queria chegar por ali. Mas nunca dei pra escritor. No tempo que eu comecei a comprar a revista O Cruzeiro, isso há muitos anos, achava O Cruzeiro muito boa, uns textos bons e curtos do David Nasser, José Leal. Eu achei que por ali eu podia chegar também. Então eu parti para o jornalismo porque eu sempre gostei de me intrometer nas lutas sociais, em defesa do povo - ainda hoje eu continuo -, e o jornal era uma via muito boa para eu poder atingir certos objetivos. Eu já como militante de esquerda. Então me resolvi. Naquele tempo não tinha escola, como vocês sabem, nós aprendíamos era no esforço da redação. Havia alguns livros, alguma coisa, mas era um ensinamento técnico, direcionado. No começo era na revisão. Eu fui pra revisão de um dos menores jornais daqui, mas o mais combativo na época, que era o Diário do Povo, de Jáder de Carvalho. Falei com o Jáder e ele me disse: rapaz, aqui você pode se arrumar, mas a dificuldade aqui é dinheiro porque jornalista já ganha pouco e aqui não ganha nada. Eu disse: bom, já me

"Pretendia ser escritor, daqueles que fazem livrão... *Doutor Jivago, E o Vento Levou...* Queria chegar por ali"

sinto bem se não pagar. O que me ensinarem por aqui, por ali... Ele até gostou. E eu comecei por lá. Uma escola muito boa. Ainda hoje eu devo ser um pouco assim atirado, porque o Jáder de Carvalho era um panfletário muito bom, muito corajoso, um grande jornalista. E eu passei por lá uma porção de tempo e tomei gosto. Revisava aqueles artigos dele, muitos ele escrevia, parecia até com um chicote no braço ou com a vara de ferrão. E por aí eu fui desenvolvendo alguma

coisa e tomei gosto. Eu já gostava muito da literatura, aí juntei jornalismo com a literatura. Isso há mais de quarenta anos.

**LJ -** Você chegou a escrever alguma coisa que você considerasse literatura?

"Eu escrevi uns contos e andei tentando escrever um livro. Apareceu um menino lá em casa e queimou"

**DC -** Eu escrevi contos e andei tentando escrever um livro e apareceu um menino lá em casa e queimou. Naquele tempo existia aquele Agripino Grégori, que era um crítico literário muito exigente, feroz mesmo, e eu achei que aquele menino tinha encarnado o espírito de Agripino Grégori. Ele leu ali alguma coisa e tocou fogo. Não sei como. Já tinha cento e tantas páginas.

**LJ -** É parente seu?

**DC -** É. Meu sobrinho. Eu até pus o apelido nele de Agripino. E eu achei que ele me prestou um grande favor e aí eu desisti de uma vez daí pra frente. Agora tenho um plano de escrever aí um livro, livro não, uns apontamentos, um memorial, que não seja uma autobiografia. Eu tenho muito medo de autobiografia porque quase sempre é um negócio meio piegas, o sujeito fala muito nele. Alguns, muito poucos, escapam. Eu tô pensando que este ano que vem eu vou retomar, escrever este livro. A gente chamava antigamente de opúsculo. Sei nem que quer dizer opúsculo.

**LJ -** Qual é o nome do livro?

**DC -** É Memorial de Paulo Santiago. Paulo Santiago sou eu, contando algumas histórias a um repórter qualquer. É uma espécie de entrevista que eu vou fazer. Eu participo. Eu participo de alguns episódios porque estava no centro da coisa mas não é autobiográfico, contando que "eu nasci lá na Serra do Mangue e coisa e tal". Não é bem isso, não. E algumas pessoas se admiram de eu não ter escrito alguns livros. E a quase todas elas eu faço uma pergunta: e você já escreveu algum? "Não, não escrevi". Aí eu digo: então não tem o que se admirar de mim. Quem foi que disse a você que sou escritor? Uma vez José Alcides Pinto zangou-se comigo. Era um lançamento de um livro dele e eu disse a ele que não ia mais lançamen-

to de livro e não vou. Às vezes eu tenho vontade de conhecer o personagem, como agora esse José Simão (autor do livro Lamagate lançado há poucos dias no Curso de Comunicação Social antes da entrevista) mas só podia ser num lançamento de livro e eu não vou mais. Há muito tempo eu deixei de ir a lançamento de livro.

**LJ -** Mas por quê?

**DC -** Porque acho uma bruta chateação o sujeito passar uma hora apresentando o escritor e outra hora apresentando a obra. E no fim nem o escritor e nem a obra corresponde a nada. Quase sempre a maioria, né? É meio pesado. Eu acho um pieguismo muito grande, muito chato, o cara ficar ali de cara dura.

**LJ -** E o seu livro não vai ter lançamento?

**DC -** Vai. Não é por falta de lançamento que ele não vai sair. Não vai sair é por falta de escrever. Mas lançamento nós temos programado lá no bar do Airton, não sei há quanto tempo, faz é anos.

**LJ -** Onde vai ser?

**DC -** Ali no bar do Airton. É chegar e dizer: Taquí a bolacha, abre a cachaca (risos). É isso aí.

"Não é que eu tenha vergonha do meu nome, não, é porque é chato estar sempre em evidência"

**LJ -** Paulo Santiago era um pseudônimo seu?

**DC -** Era. A gente escrevia antigamente muita matéria assinada, e os jornais até exigiam, querendo uma responsabilidade maior do repórter, do articulista. E eu, não é que eu tenha vergonha do meu nome não, é porque acho chato tá sempre muito em evidência.

**LJ -** Tinha também o Baijaticá, não é?

**DC -** Isso aí é o seguinte: eu só adotei porque eu fazia uma coluna social criticando essas colunas sociais e veio este cronista do Amazonas e aqui teve uma grande recepção - era Hiltinho, Lúcio Brasileiro, Batista Moreno -, fizeram uma homenagem a esta Baijaticá que era um papangú, um palhaço, um desgraçado. E achei o negócio tão ridículo que comecei a assinar um espaço que eu tinha - crônica-crítica. Eu peguei adotei o nome

dele de Baijaticá. Me dei muito bem. O pessoal gostou muito desse nome. Ainda hoje tem quem fala por aí...

**LJ - O que é que vem de polêmico nesse livro?**

**DC -** Não, não vem polêmica não. Talvez venha polêmica, não sei. Mas eu quero contar os episódios interessantes. Por exemplo, agora mesmo, eu estava tirando a barba, com esses aparelhos muito modernos que é uma beleza, e me lembrando do meu tio Zé Cândido. Ele estava no Amazonas e trouxe de lá uma navalha muito grande e um pau assim com uma tira de sola. De maneira que ele quando ia tirar a barba, tinha que ir não sei quantas vezes (gesticula com as mãos) naquela tira de sola, afiar a navalha. Lepo, lepo, lepo. E hoje eu tirando a barba me lembrando dele. Ele já morreu. Então, eu conto umas coisas tão tolas assim, lembrando das pessoas.

**LJ - Você tinha uma coluna também no jornal que contava desses tipos pitorescos da cidade. Como era essa coluna?**

**DC -** Era um tipo "Personagem em Destaque".

**LJ - Era o nome da coluna?**

**DC -** Era o nome da matéria. Formava aquele quadrado que o Povo hoje está fazendo mas não era daquela maneira. Ele faz um negócio muito simples. Era uma espécie de interpretação, chegado a um ensaio. Mas foi por ali que esses tipos populares que não tinham espaço nos jornais... Quando entrei para o jornalismo duas coisas não se faziam na imprensa daqui: eram as grandes reportagens, principalmente sobre acontecimentos de maior importância - saíam em simples notas - e tipos que de qualquer maneira se destacavam do comum das pessoas. Por exemplo, o próprio Luis Assunção. Então eu puxei esses tipos para o jornal. Eu fazia essa coluna Personagem em Destaque, não era diária, era semanal. Cada semana eu tinha um tipo daqueles. Algumas pessoas até esperavam o tipo: doutor Batérico, Feijão Sem Banha, Cruzeta Tá Na hora, Bicudo.

**LJ - Dedé, como você encontrava esses tipos? Você ia atrás?**

**DC -** Esses tipos eu encontro todo dia porque eu vivo no meio deles. A minha vivência é do meio do povão mesmo. Mas há pessoas que têm muito medo de perder o espaço em jornal, porque se perder o espaço, "se acabou-se", quer dizer: acabou-se duas vezes. Vários eu já conheci assim. Só têm algum prestígio e aceitação porque têm aquele espaço. Mas sempre fizeram um jornalismo de comadre, de compadre, na política ou no soçai-te, que não é tanto aquele social como

foi. Critiquei muito aquilo. Mas o jornalismo que eu faço, não sei se porque é tão inexpressivo, pois tanto

"O meio que eu freqüento é aquele que muitas vezes não sabe nem que eu sou jornalista. E a matéria é o povo"

faz eu estar em um jornal como não estar, pra mim eu não sinto nenhum abalo. O meio que eu freqüento é aquele que muitas vezes não sabe nem que eu sou jornalista. E a matéria é o povo, as suas necessidades, é o povão. E o povão não quer saber se você tá lá, nem se tá fora, nem se tá dentro, é a mesma coisa. Aliás eu ví outro dia um companheiro, que até morreu agora, e que fazia crônica política. Ele me disse que depois que perdeu o espaço da coluna teve vontade até de se suicidar. Ele era um bocado fraco, né? Devia ter ficado era muito alegre por não fazer uma xaropada daquela todo dia. É terrível o sujeito fazer aquilo. Para não perder o embalo; eu trabalhava no O Povo e quem fazia a cobertura da Assembléia era um jornalista muito bom, piauiense Alberto Nunes. Quando ele morreu a direção do jornal me chamou para eu ir pra Assembléia. Eu disse que ia mas só ia passar um mês. Era o tempo que eles arranjariam outro. Passaria um mês porque não queria aquilo. Fui. Cheguei lá tive vanta-

"Naquele tempo já tinha quem desse um braço pra ir pra Assembléia ou pra Câmara. Tem cara aí que morre por aquilo"

de de não passar nem uma semana. E note-se bem, a Assembléia era outra coisa, não era isso de hoje, não. Os deputados eram bem melhores: Pontes Neto, Walter Sá, Figueiredo Correia, Hernesto Gurgel, era um pessoal

muito melhor. A própria Câmara dos vereadores foi muito melhor do que esse bagaço que tá aí. E eu fiquei lá e, antes de completar um mês, por aí assim, eu já fui dizendo que não ia mais. E naquele tempo já tinha quem desse um braço para ir pra Assembléia ou pra Câmara. Tem cara aí que morre por aquilo. É muito importante o sujeito está se dando com Carlomano Marques, com um fela da puta desse, oh, desculpe. Saio na carreira de perto. Mas há também outras be-nesses. Eles conquistam alguma coisa em termos de bem material, sabe? De botar a mão. Geralmente, esse pessoal melhora muito depressa de vida.

**LJ - Dedé, na tua opinião qual o tipo de jornalismo que deveria estar nos jornais daqui? O que é que o pessoal deveria estar escrevendo?**

"Andava de chicote na mão sempre batendo nessa canalhada aí. Falta um panfleto, não é brincadeira. É um absurdo"

**DC -** Eu acho oportuno, muito oportuno, e até convido a vocês pra nós tirarmos um panfleto. É hora de um panfleto aqui! Panfleto é aquele que... Agora ele vai mais moderado. Mas andava de chicote na mão sempre batendo nessa canalhada aí. Falta um panfleto, não é brincadeira. É um absurdo.

**LJ - Dedé, você estava falando que começou no jornalismo e praticamente não recebia...**

**DC -** Como ainda hoje.

**LJ - Naquela época o jornalismo era mais boêmio? Fazia-se por divertimento ou era mais profissional?**

**DC -** Eu peguei o fim do jornalismo boêmio, onde os colunistas, os cronistas, escreviam onde estivessem, em casa - o Caio Cid escrevia muito do bar da Rita. Na redação o comportamento naquele tempo não era um comportamento profissional. Hoje não, o jornal parece muito uma repartição pública. Há um profissionalismo mesmo. O sujeito chega, faz o seu trabalho e tá ali pra fazer aquilo mesmo. Naquele tempo, há quarenta anos atrás, por aí assim, a própria redação tinha um aspecto diferente. Eu talvez não tenha nem capacidade para, no



Na sala da casa Dedé cultua seus ídolos. Dentre eles retratos de santos, pensadores marxistas e seus livros.

Sofre de rinite. No dia da produção da entrevista estava em crise. "Ainda bem que não é todo dia, senão já tinha me suicidado".

Dedé queria que o filho também fosse jornalista. Seu desejo foi parcialmente atendido: Paulo Afonso é diagramador no DN.



A entrevista do Dedé foi uma das mais divertidas. Seu senso de humor, suas histórias e sua presença de espírito foram contagiantes.

Na hora de ser fotografado, Dedé deu uma ajeitada no cabelo e posou para o fotógrafo e professor Jarbas Oliveira.

Dedé reclamou do salário. Não tinha dinheiro para comprar o livro "O Anjo Pornográfico", mesmo após 42 anos de batente.

momento, dar uma boa definição porque eu nunca me preocupei de estudar não. Mas era muito diferente. A gente praticamente não vivia do salário.

**LJ - Vivia de quê?**

**DC -** Todo mundo tinha alguma coisa aí. O salário era muito pequeno, também era de acordo. Mas geralmente, todo esse pessoal tinha um emprego numa repartição pública, uma coisa assim. Se hoje ainda está nesse nível, já foi muito pior. Ele era muito amorístico também. Não oferecia as oportunidades que hoje oferece, assessoria, por exemplo. Hoje o cara encosta num vereador. Não vê, cada vereador vai ter direito a doze assessores agora, né? Então, o jornalismo era mais intelectualizado, a turma tinha um nível de leitura melhor do que os de hoje em conhecimento literário. E não havia exigência de ponto. E uma coisa interessante: não havia pauta. Todo mundo se pautava por si. E talvez isso fez com que surgissem bons repórteres. Hoje não. E com isso eu não estou... Mas eu digo com franqueza. Eu fui chefe de reportagem.

"O jornalismo era mais intelectualizado, a turma tinha um nível de leitura melhor do que os de hoje em conhecimento literário"

Por exemplo, nesse Diário (do Nordeste) eu fui por dois anos, e parece que nesse tempo todinho não chegou um repórter que trouxesse uma idéia de fazer uma coisa por ele mesmo. Eu não estou aqui agredindo a vocês mas eu acho muito desligamento nisso.

**LJ - O que você está achando dos jornais de hoje? Qual a visão que você tem?**

**DC -** Deixa eu concluir a pergunta. Então, a gente fazia o jornalismo dessa maneira, não havia uma correria maior e tal. Os jornais se concentravam quase todos ali na rua Senador Pompeu e ali também se concentrava uma quantidade muito grande de bares, botecos, e dali o jornal passava para os botecos, para os bares, e ficava naquela boemia. Por exemplo, tinha o famoso Bar da Imprensa na esquina da José de Alencar. Os que

trabalhavam à noite, o matutino, quando fechava o jornal, meia noite, por aí, ia todo mundo pra lá e ficava

"Os jornais se concentravam quase todos ali na rua Senador Pompeu e ali também se concentrava uma quantidade muito grande de bares"

até uma hora da manhã. Era isso. Se conversava muito, trocava muitas idéias, geralmente discutia-se muito política, sobretudo marxismo. Eu como não participo da turma de hoje, nesse sentido, fora do jornal, continuo pensando que naquele tempo era mais interessante, por esse companheirismo e coisa e tal. Talvez a coisa tenha mudado muito porque o jornalismo mais antigo foi muito ligado à boemia, muito ligado a bar. A turma hoje, acho que gosta por aí de uma caipirinha, mas é por acolá, mais por longe. Era isso. Agora, eu acho que o jornalismo de hoje, é mais bem feito. Dentro da notícia a turma escreve melhor. A turma daqui já sai preparada, sabe montar uma matéria. Naquele tempo não sabia o que era lead. Quem trouxe foi o Pompeu de Sousa. Mas antes do Pompeu de Sousa a gente começava a matéria, às vezes, com um nariz de cera lá por aquele tamanho. Hoje a coisa está muito técnica, muito melhor, muito mais fácil de se ler, entender.

**LJ - O lead acabou um pouco com essa boemia do jornalismo?**

**DC -** Acabou com muita coisa até com a inspiração para escrever. Porque tem muita gente que não passa do lead. Chega ali no lead e fica mesmo. Dá o recado no lead.

**LJ - Naquele tempo, então, tinha muita ligação com a literatura, não é?**

**DC -** Tinha. Por exemplo, você conhecia uma matéria às vezes até pelo estilo do cara. Não tinha assinatura mas o sujeito identificava. Todos os jornais tinham uma página literária. No Unitário tinha uma turma da literatura, o Girãozinho (Antonio Girão Barroso). Era muito chegado uma coisa com a outra. Agora, tem dois caras que também fizeram muita força e eu acho que nunca conseguiram

muito bem. O Araripe e o Manoelito Eduardo, o Manecão. Esses lutaram bravamente, mas ficaram ali, pelo Alcides Pinto. Com o Alcides também tive uma encrenca. Porque não fui ao lançamento do livro dele **Relicário Pornô** uma pornografia danada. Chegou lá no jornal, botou assim o convite e disse: "taquí. Eu lhe entrego mas sei que você não vai". Eu disse: "eu não vou Alcides, porque você não sabe que eu não vou mais lançamento de livro?" "Ah, você não vai porque é meu livro. Mas eu lhe conheci muito mais pornográfico, naquele tempo em que você era soldado e não saía do curral". Era uma raparigal que tinha ali (risos). Eu disse: "é rapaz, mas não é por isso não, é porque agora eu enrei nesse grupo aí do Reino de Deus e agora eu sou crente" (risos). Aí que ele ficou puto da vida. "Mas eu mando meu substituto. Geraldo Fontenele, que agora voltou a beber, vou pedir para ele ir."

**LJ - Dedé, você se diz comunista. Mas como foram os anos de caserna?**

**DC -** Aquilo ali foi um episódio. Valeu, como experiência, como conhecimento de vida. Por exemplo, eu antes disso tinha medo de soldado demais. Se eu visse um soldado saía logo por aí. Hoje, eu voltei a ter medo de soldado porque - principalmente soldado da polícia - eu acho que é preferível você pegar um assaltante de carteirinha do que um cara daquele. O assaltante leva os bagulhos da gente e não bate. E o polícia toma e bate, dá umas tacadas para tirar aquele sarro. Como eu disse, eu tinha muito medo de soldado. Morava no interior e pra não sair lá pra rua, lá para o centro -papai não queria que eu andasse lá pelo centro da rua - ele dizia que tinha falado com o soldado e se eu aparecesse ele me prendia. Me criei com esse complexo. Com medo de soldado. E aí eu fui ser soldado e perdi o medo. Hoje sou capaz de agredir um marechal assim, sabe? Pode ser o boné dessa altura. O Ponte Preta (Stanislau Ponte Preta) dizia que quanto mais atrasado é o país, mais alto é o boné do general.

**LJ - Você já era comunista quando tava no exército?**

**DC -** Era. Eu, o Zé Cândido Cavalcante. Quem era mais? Mas a gente tinha que manear. Eu tinha conflito, conflito sério lá dentro. Muito mesmo. Eu fui muito preso. Andei brigando na tapa. Nesse tempo era um cabra forte metido a valentão. É muito ruim, mas a gente aprende alguma coisa, abre uns caminhos.

**LJ - Mas os conflitos que você tinha lá dentro é porque você falava demais?**

**DC -** Não. Pelo contrário. Eu tô falando muito é aqui. Já tô é cansado, encabu-

lado. Eu sou um sujeito meio calado. Gosto muito de ouvir, de observar.

**LJ - Dedé, você poderia falar da sua experiência com o jornal o Mutirão?**

**DC -** O Mutirão foi uma experiência muito proveitosa pra mim, pra quem trabalhou comigo.

**LJ - Como é que funcionava?**

**DC -** Eu acho que nem funcionava. Cada qual fazia uma coisa por uma banda. A gente se reunia num canto e quando dava fé a cana cercava. O Mutirão teve um fato interessante. Eles andavam perseguindo o Mutirão e eu tive uma idéia: "vamos colocar o Mutirão na Praça do Ferreira que eles não pensam nunca que a gente esteja lá". Aí, nós alugamos uma sala alí no Edifício Diogo. Oh, pensavam que a gente tava escondido lá pela Serrinha, por aqueles mundos. E nós lá pertinho. Eles vieram descobrir muito tarde já.

**"Eles andavam perseguindo o 'Mutirão' e eu tive uma idéia: Vamos colocar o Mutirão na Praça do Ferreira que eles não pensam nunca que a gente esteja lá"**

**LJ - Vocês rodavam o jornal onde?**

**DC -** Não, ele aqui só foi tirado uma vez. Todo o resto foi tirado em todas as capitais do Nordeste. Parece que a única que ninguém tirou foi em Aracajú. Todo número era tirado fora daqui. Empacotava, diagramava o material e aí mandava o Messias Pontes pra São Luiz. Depois nós pegamos uma fase boa. Foi a última fase. Em Alagoas, Maceió. No Jornal Teotônio Vilela. Inclusive, lá a gente não pagava nada. Nos outros a gente pagava alguma coisa. Quando Teotônio morreu, eu não sei se é esse filho dele, que hoje é senador, cortou a ajuda. Você imagina quem é esse cara? Naturalmente sofria ameaça. Aqui, não tinha uma tipografia que quisesse tirar. Era tudo fechado. Quem é que queria falar em Mutirão?

**LJ - Ele era distribuído como?**

**DC -** A distribuição era conta-gota. Pelo seguinte: se botasse cem núme-

ros numa banca, chegava alguém e comprava os cem de uma vez. Pra destruir. Não tinham outra maneira de acabar com ele! O maior trabalho que dava o mutirão era a distribuição.

**"Naquele tempo, não. Um caso aqui de meningite não se podia dar por ordem da Polícia Federal"**

A gente tinha que deixar três aqui, quatro acolá. Uma vez nós levamos cem para aquela banca do Náutico de manhã. Quando foi meio dia a gente passou lá para saber como era que tava. "Não, passou um cara aqui e comprou tudo."

**LJ - Você faria novamente um jornal desse?**

**DC -** Não, porque já mesmo quando ele morreu ele já tinha mais... Como o Pasquim, Opinião, e outros jornais de esquerda. E aí foi abrindo a coisa e outros jornais foram noticiando os fatos. Naquele tempo, não. Um caso aqui de meningite não se podia dar. Ordem da Polícia Federal.

**LJ - E a coluna Cacete do Dedé?**

**DC -** Esse título quem deu foi o Henfil. Eu escrevia uma coluna no Mutirão, não me lembro qual era o nome, e quando Henfil veio pra cá lendo a coluna ele disse: rapaz, mas isso é cacete puro. Bota isso Cacete do Dedé. Aquele cacete bateu, aquele cacete bateu...

**LJ - Quem? Principalmente?**

**DC -** Bateu na Ditadura, sobretudo. Em toda essa cafajestada que tinha por aqui. Bateu forte.

**LJ - E a Contra Vapor?**

**DC -** Foi até bom. Foi no caminho do Cacete mas com variantes. Saía crônica. Mas eu acho que foi mais ou menos interessante.

**LJ - Você já passou pela Tribuna, Povo, está no Diário. Por que essa rotatividade? Você saía brigado?**

**DC -** Eu tive neles várias vezes. Eu acho que saí por discordar. Ou por discordância mútua, né?

**LJ - Qual foi o jornal que você ficou por dez minutos e saiu?**

**DC -** Foi no Povo. Eu tinha trabalhado no O Povo e saí. Foi tempo do

destocamento de Brasília. Fui ser candango. Passei lá uma porção de tempo e por lá pratiquei uma desordem e fui obrigado a ir embora. Aí eu vim. Quando eu cheguei Flávio Ponte me convidou para voltar pro Povo. Eu fui. Quando cheguei lá, me sentei, e por coincidência peguei uma mesma máquina que havia sido minha - tinha o meu nome assim. E fiquei olhando o Araripe (jornalista Alencar Araripe presidente da Associação Cearense de Imprensa atualmente) sentado acolá, no estrado - nesse tempo tinha um estrado -, só faltava a pena de Pato. Eu fiquei olhando pro Araripe, me deu um desencanto, a máquina era daquelas que tinham uma rodinha. Empurrei assim, levantei, saí. Olhei o relógio, tinham passado uns dez minutos. E aí não apareci mais.

**"Quando cheguei lá, me senti... Eu fiquei olhando pro Araripe, me deu um desencanto... Levantei, saí... Tinha passado uns 10 minutos. E aí não apareci mais"**

**LJ - O jornal O Mutirão tinha muito semelhança com O Saco?**

**DC -** Não. O Saco era muito para literatas. Mas era bom, também, um jornal de esquerda. E geralmente este povo, esse pessoal, não se enquadra, não se encaixa bem com a turma eminentemente de jornal. Eu acho assim um bocadinho pernóstico. Os caras parecem assim tudo pra ser alguma coisa. Doido para aparecer, pra ser gente. Engraçado que daquela turma do Saco eu não vejo falar em nenhum. O Mané Raposo, né? Tira um verso daqueles e acha que está acima de Camões. É desse tipo assim. Aquela gente é dessa maneira. Ficam se analisando muito e tal. Gosto deles e gostava. Mas esse lado eu nunca simpatizei muito, não. E também, parece que eles não simpatizavam comigo não; porque eu sempre fui mais pedra-pedra. Eu não gosto de frescura, não. Mas eu acho que o único sobrevivente do Saco que ainda sabem que estou vivo sou eu, porque estou lá pelo jornal.



**Dedé de Castro é muito friorento. Na entrevista o condicionador de ar passou a maior parte do tempo desligado.**

**Ele chegou à Sala de Redação do Curso às 15 horas. Não dispensou a sua tradicional sonequinha vespertina após o almoço.**

**Esta é uma das poucas entrevistas concedidas pelo jornalista Dedé de Castro. O material sobre ele é muito escasso.**



Dedé pretende lançar algum panfleto. Consultou o amigo Neno Cavalcante, mas está à procura de quem tope a empreitada.

Enquanto o fotógrafo buscava o melhor ângulo, Dedé praguejava: "Olha, tu vai quebrar esta bicha... Vai queimar o filme!"

Mesmo após o fim da entrevista, Dedé ainda conversou demoradamente sobre jornalismo e os velhos tempos.

**LJ** - Dedé, você critica muito esse jornalismo estrela, esse pessoal meio intelectual. Mas você é um jornalista muito premiado.

**DC** - Eu sei que o prêmio tem valor. Mas eu não gosto de falar em prêmio porque parece assim um esnobismo. Eu tô deixando pra falar quando eu ganhar um Nobel (risos). Aí eu deixo pra este tempo, né? Mas eu ganhei uns quinze por aí. Às vezes eu apelei pra ver se saia um dinheirinho, né? A polícia estabeleceu um concurso e era até bom o prêmio. E como sempre eu não andava bom de bolso. Tava no meu normal que é na pindaíba. Eu disse: um prêmio até bom mas logo sobre a polícia! Imediatamente eu me lembrei: o bombeiro é um apêndice da polícia e uma corporação muito simpática, contra a qual ninguém tem nada a dizer de mal. E eu em vez de ter saído na meganha veia curta, fiz uma matéria sobre o Corpo de Bombeiros. E daí só o que deu. Na cabeça.

**LJ** - E o prêmio com a reportagem SOS - Presidente, como foi?

**DC** - Aquilo ali foi no tempo de Figueiredo. Ali houve um fato interessante na história daquela matéria. Eu estava acidentado, tinha sido atropelado ali na frente do Mercadinho Japonês, na Praça da Imprensa, que me faxiou a bacia. Fiquei hospitalizado, depois fui pra casa, melhorei. Estava andando de muleta já, quando ouvi uma notícia no rádio - estávamos numa seca - que o Presidente da República vinha aqui no Ceará. Aí imediatamente eu boleí pra gente fazer uma matéria mostrando a situação que ele

"O presidente da República vinha aqui no Ceará. Aí imediatamente eu boleí pra gente uma matéria mostrando a situação que ele ia encontrar aqui"

ia encontrar aqui. Eu já conhecia muito isso, porque fui muito ligado à seca, aliás todos os problemas. Então eu fui para o jornal de muleta - estava de licença. Chegava lá de manhã e passava o dia fazendo pauta. A turma aceitou o desafio e nós caímos em campo, produzimos matérias boas e fizemos um tablóide especial em que o Ronaldo (professor da disciplina

Jornalismo Impresso, na época trabalhando no Diário do Nordeste) e o Nilton Almeida (atualmente assessor do BNB), tiveram grande participação na diagramação e na editoria. Foi muito bom. Uma capa muito sugestiva com uma velha que parecia ter sido tirada de uma lagoa. E no dia que o presidente chegou os meninos ficaram até de madrugada. Já estavam todos quebrados.

"Então aparecerão uns caras pelo jornal trazendo aquele negócio de Prêmio Esso. Aí eu me lembrei... Ora foi só o que deu"

**LJ** - Quantos dias foram?

**DC** - Foram vários dias. Andaram pelo interior, fizeram pesquisa, um trabalho bom. Não é excepcional mas um trabalho bom. Jornalisticamente um trabalho bom. Então apareceram uns caras pelo jornal trazendo aquele negócio de Prêmio Esso. Aí eu me lembrei. Falei com o Ronaldo e com o Nilton e mandamos. Ora, foi só o que deu.

**LJ** - Dedé quais são os caminhos da grande reportagem?

**DC** - A grande reportagem é o tema, é o assunto. Quando eu entrei para o jornal O Povo em 1952, por aí assim, lá não tinha grandes reportagens. Não se fazia. A primeira grande reportagem -um festejo religioso popular - fui eu que fiz. Foi em Juazeiro, a festa do Padre Cícero. Eu fui de trem, Maria Fumaça, sem fotógrafo, lá arranjei um, dinheiro para pagar o fotógrafo não tinha, mas o cara se interessou na idéia e colaborou. O certo é que eu fiz. Depois fiz Canindé. A primeira reportagem sobre a gruta de Ubajara foi eu que fiz. Eu não gosto de falar na primeira pessoa mas eu dei uma abertura à grande reportagem. Daí eu fui desenvolvendo e depois se tornou uma coisa fácil pra mim. E pode se tornar pra qualquer um.

**LJ** - E essa que saiu sobre os presídios?

**DC** - Essa dos presídios a coisa surge assim. Naquela época em que eu fiz aquela matéria, há cinco anos, a situação aqui estava muito tensa, era briga no Paulo Sarasate e IPPOO e eu achei

que se era assim aqui, nos outros Estados, nas outras penitenciárias, principalmente as do Nordeste, era tudo a mesma coisa. O sistema penitenciário o mesmo, a pobreza a mesma. Aí eu parti pra Salvador e de lá eu percorri as oito capitais e também fomos até Santana do Cariri. O que é certo é que foi uma revelação de uma tragédia.

**LJ** - Dedé, você já iniciou alguma grande reportagem numa mesa de bar?

**DC** - Talvez até a maioria, né? Porque eu sempre passo por lá. Agora o nosso jornalismo é muito pobre. Os nossos jornais, não é de agora, eles nunca deram maior apoio. O sujeito faz no peito, na raça. Esse Diário foi quem veio abrir mais. Anteriormente, os Associados foram uma riqueza de jornal aqui, mas nunca fizeram nada. O próprio O Povo nunca se interessou muito. Essa Tribuna, esse nunca fez nada. Na Tribuna eu estive três vezes e todas três saí brigado e nenhuma voltei pedindo para voltar. Era sempre mais uma tentativa que eles queriam fazer comigo. A Tribuna agora quando completou trinta anos, nós editávamos o Píxote. Aí eu peguei a Tribuna e numa página, o calendário de festejos. Trinta dias de comemoração. Eu escrevi no Píxote dando uma sugestão que no meu modo de entender seria melhor. Em vez de trinta

"Em vez de ser trinta dias de festa devia ser trinta dias de reflexão. Saber porque esse jornal, com trinta anos, ainda não chegou às bancas"

dias de festa, ser trinta dias de reflexão. Saber por que esse jornal com trinta anos ainda não chegou às bancas. O que está havendo. Porque o jornal se impõe pela sua circulação, pela venda. Os caras de lá já não gostam muito de mim... Não gostam mas também não têm coragem de meter os peitos e bater na cara, não.

**LJ** - Dedé como você viu o papel da imprensa nesse processo de impeachment do presidente?

**DC** - Foi extraordinário. Se não fosse a imprensa ele estava aí folgado. Não tinha coisíssima nenhuma. A imprensa foi quem levou os cara-pintadas

pra rua. Quem derrubou o Collor foi a imprensa. Aquele cara é terrível. O cara era tão louco que quando saiu do governo de Alagoas, não tinha coragem de andar na rua lá. A Veja teve um papel preponderante, principal, extraordinário. E o resto acompanhando por ali.

*LJ - O Dedé jornalista participou desse processo de derrubada de Collor?*

*DC - Participei rezando. Eu sou muito rezador. Não tinha outra coisa pra fazer, toda noite eu tirava no meu santuário uma ejaculatória (risos).*

*LJ - Dedé, você diz que é comunista, católico, espírita. Como é que é esse paradoxo aí?*

*DC - Elas se aproximam muito. O comunismo é uma etapa do socialismo, o espiritismo prega o amor, a caridade, que está muito próximo do socialismo e o catolicismo é porque eu passei cinco anos no Seminário Marista e formei minha mentalidade*

religiosa ali. E achava muito bonito a missa, a liturgia em si, principalmente quando era todo em latim. Eu até me afastei mais da igreja quando pas-

**"Sou beato de padim Cícero. Todos os meses, dia 20, eu saio de preto, da cabeça aos pés. E sou devoto de São Francisco de Canindé"**

sou para o português. Para mim perdeu a graça. Eu gostava era daquela que não sabia o que o padre dizia.

Também sou muito devoto dos santos. Sou até beato do meu padim Padre Ciço. Todos os meses, dia 20, eu saio de preto. Da cabeça aos pés. E sou devoto a São Francisco do Canindé. Todos os anos eu vou a Canindé. E sou fundador da Célula Anita Garibaldi de Itapipoca. Abrangia tudo. Desde o bigodão até o Trotsky. Bigodão é o Stalin véi. Agora essa Célula funcionava no tempo da Ditadura a partir de duas horas da manhã.

*LJ - Dedé, como foi a barra na época da Ditadura?*

*DC - Foi um troço muito chato.*

*LJ - Você foi preso alguma vez?*

*DC - Não. Eu e o Gervásio de Paula ainda hoje somos uns recalçados porque eles nunca quiseram nos prender. Nunca acreditaram que a gente fosse comunista. O Gervásio ia lá pra frente da polícia: "Me prendam, me prendam". Oh, bicho maluco da porra. Pessoa assim eles nunca prendem, não.*

**Durante a entrevista Dedé sempre perguntava sobre os amigos da "velha guarda", chegando muitas vezes a perder o fio da meada.**

Rádio Universitária FM - 107,9 mhz

**CATÁ**

**VENTO**

**o programa que fala de ecologia**